

Parte 2 - Vertentes diferenciadas do comportamento judaico brasileiro

3º capítulo - Política e comportamento judaico

3.1 O discurso antissemita e suas múltiplas expressões

Relações entre a polícia política e a comunidade judaica na era Vargas

Isabela Andrade Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, IA. Relações entre a polícia política e a comunidade judaica na era Vargas. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 685-693. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Relações entre a polícia política e a comunidade judaica na era Vargas

Isabela Andrade Lima¹

O Estado Novo, regime instaurado no Brasil a partir de 1937, representa um momento histórico em que a discussão sobre a temática do autoritarismo e do controle foi tomada como determinante para o desenvolvimento da nação.

O discurso da nacionalidade emanava do Estado. Enfatiza-se a consciência nacional, definida por um conjunto de lealdade política, A questão da raça passa a ser discutida, fornecendo justificativas para o atraso brasileiro frente às nações europeias. Retoma-se o conceito de eugenia para construir-se uma nação forte e autenticamente brasileira². O questionamento da formação étnica brasileira e a busca de uma identidade nacional já despertava o interesse da intelectualidade desde os anos 20, intensificando-se nos anos 30 e 40, vê-se então o retorno das ideias de intelectuais como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Alberto Torres, sobressaindo autores como Oliveira Vianna e Affonso Arinos de Melo Franco.

O nacionalismo pregado durante o governo estadonovista se empenhará na construção de uma nova nação e do Homem Novo brasileiro que deve ser patriótico, honesto, bondoso, saudável, limpo, trabalhador, nacionalista e católico³. Para a construção de um novo paradigma social, a ideologia política retoma a função tradicional dos mitos e das religiões para guiar as posições da sociedade e garantir o consenso social⁴. Na era Vargas, a Igreja Católica e o Estado compartilham o poder. Desde novembro de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da UFPE. E-mail de contato: isadelima@bol.com.br – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

² SCHWACZ, Lília M. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³ GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice. Rio de Janeiro. IUPRJ, 1988.

⁴ COLOMBO, Eduardo. *El Imaginário Social*. 3º Ed., Montevideo: Editorial Altamira, 1993.

1937 a Igreja reassume seu papel na liderança cultural, enquanto o Estado se ocupa em organizar as relações sociais e econômicas.

O Estado necessitava do discurso catequético, haja vista que a ruptura da unidade católica era tida como um prenúncio da desordem e da anarquia. A Igreja, por sua vez, tentava recuperar o poder perdido com a laicização do Estado. É nesse sentido que 1937 é tido como o período de recatolização do Brasil⁵.

Fazia parte do projeto político-religioso a construção de uma sociedade baseada nos preceitos do catolicismo. E com essa imagem de verdadeiro homem brasileiro que se codifica padrões de alteridade que servem para identificar o “outro”, a antítese do homem ideal, nessa perspectiva sobressai a imagem dos judeus.

A aliança entre Igreja e Estado com a finalidade de “guiar” a nova sociedade, reforça a afirmação de Eduardo Colombo de que “o simbolismo político-religioso permaneceu e permanece amarrado, como consubstanciado nas estratégias de dominação”⁶.

O objetivo desta comunicação é identificar e analisar os mecanismos e as estratégias utilizadas pela comunidade judaica em Pernambuco, no sentido de garantir seu espaço num contexto de vigilância, repressão e controle e, ao mesmo tempo, preservar sua identidade cultural-religiosa.

Os judeus já traziam um legado de serem nocivos. Antes do séc. XIX o antissemitismo manifestava-se de diferentes formas, sendo ele classificado como antissemitismo tradicional, onde o ódio aos judeus apoiava-se no antagonismo entre duas crenças: o catolicismo e o judaísmo. E mesmo quando alguns judeus converteram-se, a política de exclusão contra os mesmos permaneceu. A partir do séc. XIX o antissemitismo passa a apoiar-se em pseudoteorias científicas, antropológicas e etnológicas, empregadas para justificar as ações contra os judeus (antissemitismo moderno)⁷. Sendo assim, o antissemitismo tradicional (religioso) soma-se ao antissemitismo moderno (científico) e os judeus serão identificados

⁵ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A Construção da Verdade Autoritária*. No prelo, 2002.

⁶ COLOMBO, Eduardo. *El Imaginário Social*. 3 Ed., Montevideo: Editorial Altamira, 1993

⁷ ARENDT, Hannah. *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

como indivíduos hostis à civilização, desrespeitadores da fé cristã, antissociais, uma anomalia do ponto de vista racial e político.

No início do século XIX os judeus serão apontados como aqueles que pretendem dominar o mundo secretamente através de uma organização que visava controlar a imprensa, o governo e as finanças, sendo esta ideia influenciada pelo Mito dos Protocolos dos Sábios de Sião, considerada como uma das maiores falsificações do século⁸. Assim, “a pureza de sangue, mito da Idade Média e Moderna, soma-se a ideia de complô judaico, inspirado nos Protocolos”⁹.

A imprensa brasileira através do doutrinamento diário e persuasivo, investe num discurso que traz a tona expressões tanto do antissemitismo tradicional como do antissemitismo moderno. É nesse sentido que os judeus são apresentados como elementos que não se adequavam à nova sociedade, pois eram tidos como nocivos do ponto de vista religioso, racial, étnico, político, social, moral.

A imprensa pernambucana, seja laica ou religiosa, também absorveu e divulgou o discurso antissemita, trazendo a tona a acusação de que os judeus eram um povo deicida, matadores de Cristo, e como tais, deveriam sofrer pelo pecado cometido. Ataíde, nos alerta para observar como o antissemitismo encontrava na própria Bíblia inspiração para acusar os judeus de povo maldito. Sobressaindo passagens bíblicas onde Deus repreende o povo judeu. Por outro lado, textos que revelavam uma linguagem de amor e promessas de restauração de Jeová para com o povo judeu, não eram sequer evidenciados¹⁰.

Discursos que trazem a baila expressões de antissemitismo moderno, bem como a influência dos Protocolos dos Sábios de Sião, também são evidenciados pela propaganda. Em 1939 circula em Pernambuco um selo com o seguinte teor: “SALVEMOS O BRASIL DA INVASÃO JUDAICA: Por

⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. A Trajetória de um Mito no Brasil; os Protocolos dos Sábios de Sião. In. NOVINSKY, Anita e KUPERMAN, Diane (orgs.) *Ibéria-Judaica: Os Roteiros da Memória*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. São Paulo: EDUSP, 1996.

⁹ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. O Discurso da Igreja na Era Vargas, no Brasil, construindo o mito do imigrante indesejável: o judeu. IN: LISOCKA-JAEGERMANN, Bogumila. *Dicionário Analítico El Espacio En La Cultura Latinoamericana*. 4. Varsóvia: CESLA/Universidad de Varsóvia, 1998.

¹⁰ *Ibidem*.

causa do judaísmo internacional o Brasil não tem: petróleo, trigo, borracha, tranquilidade, estando sempre ameaçado na sua economia”.

O autor do selo desejando colaborar com a campanha nacionalista que a Revista “Fronteiras” promovia nesta cidade, resolve consultar uma autoridade do Estado para imprimir e divulgar os ditos “selos”. Assim, entra em contato com Manuel Lubambo, Secretário da Fazenda da Interventoria Agamenon Magalhães e Diretor da Revista Fronteiras, este, alega que não via inconveniência em divulgar os selos, pois achava que “*combater o judaísmo era colaborar com o Estado Novo*”. Assim, foram impressos cinco mil selos desta espécie¹¹.

Na campanha contra os judeus, sobressai um discurso que responsabiliza-o também pela infiltração do comunismo no Brasil. Sob essa temática, destaca-se a propaganda integralista. Em um panfleto intitulado “*Ação Integralista Brasileira*”, estimula os homens a meditarem sobre os dois rumos: o do comunismo e o do integralismo, já que o comunismo é apontado como: “*destruidor das Religiões, ficando assim o homem subordinado aos seus instintos. Perde a sua liberdade moral e torna-se um autômato, subordinado ao ateísmo do Estado, que é o mais intolerante dos fanatismos.... O comunismo pretende acabar com as Pátrias. Em última análise, transforma todos os países em colônias subordinadas aos interesses de uma minoria de especialistas financeiros. Será o domínio dos judeus como já está sendo na Rússia...*”

Com o objetivo de combater o seu maior inimigo: o comunismo, o integralismo se empenha em uma propaganda onde aponta os judeus russos como destruidores da propriedade, da família e da religião, em contraposição ao lema integralista: “Deus, Pátria e Família”. Sendo assim, todas as propagandas anticomunistas terão também como alvo os judeus, transformando-se em propagandas antisemitas.

Em dezembro de 1935 é criada a Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS, com o objetivo de controlar os indivíduos coibindo suas ações a fim de garantir a ordem social¹², contando com o apoio de uma polícia

¹¹ DOPS/PE. *Prontuário n.º 1468*

¹² PEREIRA, Márcia G. et. ali.. *DOPS: A lógica da desconfiança*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Justiça, Arquivo Público do Estado, 1993.

política tida como agente social da instabilidade social¹³. Nesse momento, têm-se a dupla face da censura, a imprensa e a DOPS contra a imigração judaica para o Brasil¹⁴.

Vitimados pelas perseguições nazi-fascistas, muitos judeus procuravam auxílio no Brasil que, entretanto, fechou-lhes as portas adotando medidas restritivas em nome da construção de uma nação. Segundo Cancelli, “*aparentemente, a maneira como os judeus estavam sendo tratados na Alemanha não produzia qualquer atitude de solidariedade entre as autoridades brasileiras, pelo contrário, reforçava as medidas de controle policial sobre os judeus*”¹⁵. Sendo assim, se vê inúmeros decretos-leis e circulares secretas impedindo a entrada de judeus no país¹⁶.

Os investigadores da DOPS/PE com o objetivo de coibir qualquer reação que comprometesse a “ordem e a segurança pública”, perseguiram todos os indivíduos que não se adequavam à nova ordem. Inúmeros foram os casos de perseguições aos considerados opositores do regime, no entanto, a diferença em relação ao judeu é que bastava esta condição para que fosse considerado suspeito e perigoso à nação. “Judeu” era a palavra-chave que designava o verdadeiro inimigo do país.

O controle que a polícia política pernambucana exercia sobre a comunidade judaica de Pernambuco é evidenciado através do olhar vigilante ao Centro Cultural Israelita de Pernambuco. Como forma de controlar os passos desta instituição eram apreendidos estatutos do Centro, relatórios contendo a composição da diretoria, listagens da quantidade de sócios e de bens pertencentes ao respectivo centro¹⁷.

O lazer de toda a comunidade judaica era vigiado pela polícia. Em 24 de setembro de 1938, o presidente do Círculo Israelita envia uma

¹³ CANCELLI, Elizabeth. Ação e repressão policial num circuito integrado internacionalmente. IN. PANDOLFI, Dulce, (org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p. 309.

¹⁴ ALMEIDA, M. das Graças A. Ataíde. A Dupla Face da Censura: Imprensa e DOPS contra a imigração judaica para o Brasil. na Era Vargas. In. *II Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos – Presença Judaica no Brasil dos 500 anos: a Construção do Judeu Brasileiro*.

¹⁵ CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da Violência – a polícia na era Vargas*. Brasília: UNB, 1994. p. 126.

¹⁶ Sobre a criação de decretos-leis e circulares secretas impedindo a entrada de judeus no Brasil durante a Era Vargas, vide: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Antissemitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

¹⁷ DOPS/PE. *Prontuário n.º 413*.

solicitação para que o Delegado de Ordem Política e Social “*se digne em permitir a realização na sede citada de missas e festas religiosas no período de 25 deste mês de Setembro à 25 de Outubro próximo vindouro*”. No dia 29 de Outubro de 1945, o vice-presidente do Centro Cultural Israelita envia ao Delegado de Ordem Política e Social a seguinte solicitação: “*O Centro Cultural Israelita de Pernambuco, pretendendo realizar um pic-nic no próximo dia 4, na praia de Gaibú, vem pedir a V.S. a devida permissão para a realização do referido pic-nic*”.

Em março de 1936 a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas de Pernambuco, promove uma festa comemorativa ao “Purim” (comemora-se a salvação dos judeus da Pérsia pela rainha Ester) no Centro Israelita de PE, na Rua da Glória, 115. Esta festa é patrocinada pelas senhoras que mantêm uma sociedade com o título “Relif Comitê”. O investigador que está presente e atento à festa expõe em um relatório enviado à DOPS, os fins da sociedade e da festa: – Composta por senhoras; – sem legislação (o que complicado para o momento visto que o Estado Novo através da centralização, controlava e ditava as leis); – arrecada contribuições que são convertidas para os paupérrimos da Colônia desta capital e de outras, daí ser uma organização universal e não local, pois mantêm correspondência com outros Estados (observa-se um discurso policial baseado na retórica de internacionalização). Ao final o investigador relata que:- A data que comemora, foi em regozijo à morte do rei da Rússia “Achaskeverct” e de seu ministro “Amon”, no momento em que estes tentavam uma nova organização para seu povo, e os judeus não se conformando concorreram moral e materialmente para que fossem assassinados aqueles que estavam oprimindo-os.

O antissemitismo moderno, com a ideia do complô judaico é também evidenciado no discurso policial dos investigadores da DOPS/PE. Em fevereiro de 1943, um investigador realizou um levantamento de todos os judeus representantes de fábricas e filmes cinematográficos. Assim, se vê a influência dos Protocolos dos Sábios de Sião, já que este tinha o objetivo demonstrar que os judeus tentavam dominar o mundo através do controle do governo, das finanças e também da imprensa.

A reprodução do termo “apátrida” é constante nos relatórios policiais quando se trata de apresentar o judeu. Expressões como “expatriado”, “desapatriado”, “não tem pátria”, remontam a ideia de ser a comunidade judaica povos sem Estado. Um exemplo disso encontra-se no prontuário da

Delegacia de Estrangeiros do Distrito Federal¹⁸, onde se vê vários ofícios destinados ao Secretário de Segurança Pública de Pernambuco, sobre a concessão de vistos à estrangeiros desembarcados no Brasil, um deles, datado de 15 de julho de 1942, tem o seguinte teor: “*Nr. 2093 – Comunico V.Excia. haver Ministério Justiça negado autorização Visto permanente favor francezes E. W e sua mulher A.E W vg ambos atualmente na Franca – negou autorisação para concessão visto temporário favor senhora L. S. vg apátrida vg origem russa vg atualmente na Argentina...*”

Com isso, reforça-se a ideia de Hannah Arendt de que: “A noção de que o problema do apátrida era primariamente judeu foi um pretexto usado por todos os governos que tentaram resolver o problema ignorando-o”¹⁹,

A análise da documentação dos prontuários do acervo da DOPS-PE, permite que seja compreendido o processo de construção de um imaginário social onde todo indivíduo que não se enquadrasse no projeto nacionalista do governo Vargas seria visto como suspeito, mau cidadão. É nessa perspectiva que o judeu se insere como elemento passivo de controle, censura e vigilância.

Obter o controle do imaginário coletivo é estratégico para legitimação do poder, pois é através do imaginário que as sociedades constroem sua identidade, nesse caso, a apropriação do imaginário pelo poder tem a finalidade de “*impregnar as mentalidades com novos valores e fortalecer a sua legitimidade*”²⁰. Desta forma, inimigos são criados para servirem de “*trampolins simbólicos dos quais se opera a progressão conjunta dos medos, ódios e esperanças*”²¹.

Analisar o acervo da DOPS/PE nos possibilita por um lado verificar como a polícia política se organizou para vigiar e controlar os indivíduos judeus, e, por outro lado nos possibilita verificar como a comunidade judaica estabeleceu algumas estratégias para preservar o patrimônio cultural religioso.

Segundo Kaufmann, os judeus que se encontravam em Pernambuco preservaram sua identidade deslocando o núcleo religioso para o cultural. A

¹⁸ DOPS/PE. Prontuário nº 29695

¹⁹ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p. 323.

²⁰ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social, In. *Enciclopédia Einaude*. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 320.

²¹ *Ibidem*. p. 302.

imigração e a integração do europeu de origem judaica no Brasil, teve como cenário um processo que incluía, por um lado, o temor de novas perseguições – que o levava a buscar estratégias para ser aceito como cidadão do país de destino e, por outro lado, a vontade de preservar o patrimônio religioso-cultural²².

Ao analisar o impacto cultural e religioso sofrido pela comunidade judaica ao migrar para Pernambuco na década de 30, devemos considerar o contexto de normas, valores e comportamento tanto da comunidade judaica quanto da sociedade pernambucana.

Considerando que são os traços culturais que riscam a linha de demarcação entre os grupos²³ e que esses mesmos traços culturais não são uma coisa qualquer, mas se formam no curso de uma história comum, que a memória coletiva do grupo transmite e interpreta, de modo seletivo, por meio de um trabalho do imaginário social, transformando determinados fatos e determinados personagens lendários em símbolos significativos da identidade étnica²⁴. Torna-se essencial identificar esses símbolos identitários criados pela comunidade judaica num contexto marcado por relações interétnicas e por diferenciações culturais entre a sociedade brasileira e a comunidade judaica imigrante.

A comunidade judaica presente na sociedade pernambucana durante o período varguista tentava preservar sua identidade cultural, haja vista o número de solicitações enviadas à DOPS/PE, para realizações de festas, missas e bailes. Por outro lado, o desejo de ser aceito como cidadão do país era evidenciado quando a própria comunidade envia à DOPS/PE essas solicitações.

Em fevereiro de 1938 o presidente do Circulo envia uma solicitação ao delegado de Ordem Política e Social para a realização de uma conferência sobre os últimos acontecimentos na Palestina, e, acima da solicitação escreve: “*OBS: Como pede, desde que a conferência seja proferida em português e assistida pela polícia*”.

²² KAUFMAN, Tânia Neumann. *Passos Perdidos – História Recuperada: a presença judaica em Pernambuco*. Recife: Edição do Autor, 2000.

²³ BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In. POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

²⁴ POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

O que se observa na comunidade judaica de Pernambuco é o desenvolvimento da “etnicidade simbólica”²⁵, onde as especificidades culturais de um grupo tornam-se fontes de mobilidade coletiva quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham diretamente confrontadas com os outros grupos.

A organização interna da comunidade judaica em Pernambuco, num momento em que se verifica um contraste entre a herança cultural e religiosa do imigrante judeu e o patrimônio cultural brasileiro, permite identificar o que Cornelius Castoriadis chama de “significação imaginária social”²⁶. Assim, não podemos negar que, diante de um contexto marcado pela vigilância, repressão e controle, os judeus que conseguiram imigrar para Pernambuco estabeleceram, preservaram e criaram traços culturais que marcaram a identidade coletiva judaica.

²⁵ GANS, H. J. *Symbolic Ethnicity: The Future of Ethnic Groups and Culture in America*. *Ethnic and Racial Studies*. v. 2, n°1, 1979.

²⁶ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Paz e Terra, 2000.